

PÊNFIGO FOLIÁCEO CANINO INDUZIDO POR FARMACODERMIA – RELATO DE CASO

Canine Follyfish Phenustics Induced by Pharmacodermia - Case Report

Luana Thaís dos Santos¹; Yasmin Fernanda da Rocha²; Thabata Laccort Bortolato³; Elis de Oliveira Martoni⁴; Vinicius Ferreira Caron⁵

Palavras-chave: Acantólise. Autoimune. Doença de cazenave.

Introdução

O pênfigo foliáceo é uma doença autoimune que ocasiona uma resposta exacerbada do sistema imunológico do paciente, que reage às células saudáveis do organismo criando anticorpos contra as proteínas celulares da pele, acarretando acantólise e lesões cutâneas. É também denominado Doença de Cazenave, sendo considerada a forma mais comum do complexo pênfigo (Cesca, 2008). A enfermidade é caracterizada como complexo, pois existem diversas formas da doença, sendo a dermatose mais comum na medicina veterinária. Os anticorpos do animal se conectam às proteínas dos desmossomos, que possuem o objetivo de manter as células epiteliais unidas. Essa ligação do anticorpo e as moléculas celulares induz a perda de adesão entre as células e esse mecanismo é denominado acantólise. O principal antígeno envolvido é a desmogleína I, glicoproteína de 150 Kd, do grupo das caderinas, que compõem as moléculas de adesão (Balda, 2008). No presente trabalho será abordado um caso de pênfigo foliáceo induzido por fármacos.

Relato de caso

Uma fêmea canina, castrada, sem raça definida, de três anos de idade, apresentou edema, sangramento vulvar, perda de peso, colarete epidérmico e lesões pustulares generalizadas nas regiões de abdome, face, orelhas e membro torácico. O animal apresentava prurido moderado e as lesões iniciaram logo após o uso dos medicamentos. Todos os fármacos que causaram a farmacodermia foram administrados por via oral. As drogas utilizadas foram: enrofloxacina 5mg/kg SID e itraconazol 5 a 10 mg/kg SID. Para comprovação do diagnóstico foi solicitada biópsia dos locais lesionados e análise histopatológica. Houve presença de acantólise de células epiteliais juntamente com infiltrado neutrofílico, indicando inflamação ativa. A paciente ficou em observação e durante o internamento foi medicada com cloridrato de ranitidina 2mg/kg BID edipirona 25mg/

1 Curso de Medicina Veterinária – UTP

2 Curso de Medicina Veterinária – UTP

3 Curso de Medicina Veterinária – UTP

4 Curso de Medicina Veterinária – UTP

5 Professor Orientador – UTP

kg. Após a confirmação de pêfingo foliáceo pela histopatologia, iniciou-se o tratamento direcionado a doença autoimune com prednisona, iniciado com a dose de 2 mg/kg SID durante um período de 30 dias. Para o uso seguro desse medicamento deve ser executada a redução de dosagem progressiva, então a dose foi reduzida para 1 mg/kg SID durante 7 dias, seguida de 0,5 mg/kg SID durante 3 dias. Para auxiliar no tratamento a paciente foi medicada com azatioprina 1mg/kg SID até novas recomendações. Esse medicamento funciona como um antimetabólito imunossupressor, e associado a prednisona reduz o nível de leucócitos, com o objetivo de reduzir a injúria ao organismo do paciente; seu mecanismo de ação ocorre a partir do metabolismo dos compostos orgânicos heterocíclicos denominados purinas, inibindo a síntese de RNA, DNA e de algumas proteínas, interferindo na mitose celular. A paciente retornou ao hospital veterinário para avaliação após o tratamento. Os locais onde havia diversas lesões anteriormente passaram a não mais apresentar pústulas e colarinhos epidérmicos, deste modo o tratamento mostrou-se eficaz.

Discussão

Aparentemente existem três formas de pêfingo foliáceo canino. A primeira delas seria o espontâneo, frequente em cães da raça Chow Chow e Akita. A segunda forma seria o mediado por drogas (farmacodérmico), sendo ocasionado pelas sulfas potencializadas e, a terceira forma, seria o evidenciado em cães com histórico pretérito de dermatopatias crônicas. Na espécie canina ele se caracteriza por aspecto de dermatite pustular, conseqüentemente torna-se mais frequente a observação de lesões secundárias quase sempre representadas por lesões pápulo-crostosas e em colarete epidérmico decorrente da ruptura pustular (Scott et al. 2001).

Conclusão

Das distintas formas de pêfingo canino, o foliáceo é o mais comum dentro do complexo da doença. O diagnóstico dessa enfermidade é relativamente simples e é realizado através da histopatologia. O prognóstico é favorável se o tratamento for realizado adequadamente.

Referências

- BALDA, A.C.; IKEDA, M.O.; JUNIOR, C.E. et al. Pêfingo foliáceo canino: estudo retrospectivo de 43 casos clínicos e terapia (2000-2005). *Pesq. Vet. Bras.* 28(8):387-392, agosto 2008.
- CESCA, G.S. Pêfingo foliáceo em cão: Relato e estudo de caso. Disponível em: <https://www.equalis.com.br/arquivos_fck_editor/Penfigo_Foliaceo_em_cao_-_pos_graduacao_veterinaria_equalis.pdf> Acesso em: 21 de Agosto de 2017
- SCOTT, D.W.; JOHSON, R.Y.; WAYNE, S.T. et al. Immune-mediated skin disorders, In: *Small Animal Dermatology*. 5º ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 2001. p. 667- 779.